

# A aldeia piscatória de Porto Mosquito

Reportagem  
"Voz Di Povo"

Ondas e espuma enfeitando o silêncio, preenchendo a pequena praia de porto Mosquito.

Aldeia de terra e areia, animais dormindo pelas ruas, crianças nuas e tristes...

O resto, são os barcos que largam, cheios de pescadores, pela estrada pintada de sol, tantas vezes pela lua, quando o céu inteiro está carregado de estrelas molhadas e de vento.

Depois, são os homens velhos, novos, os adolescentes de 12, 15, 17 anos que largam pelo mar fora na faina da pesca... às vezes trazem muito peixe, outras pouco e é dele que vivem fundamentalmente. É dele que ganham dinheiro para comerem, para alguns partirem para mais longe.

A informação não chega lá «Não temos rádio, o jornal chega de vez em quando».

Porcos, cabras, burros, pelos becos... mas também não há uma pocilga.

É o drama de tantos sítios no interior de Santiago e muitas outras ilhas que herdaram a miséria do tempo colonial-fascista.

Os homens, juntos aos barcos trazendo peixe, concertando botes... as mulheres ajudando... e sempre o mar a ir e a vir, a invadir tudo e a vida de todos.

Há 93 pescadores em Porto Mosquito, talvez daqui a algum tempo o número aumente porque lá, toda a gente vai para a pesca desde menino.

As principais dificuldades devem-se principalmente à falta de material para pescar e na altura em que o peixe rareia, porque é este

que constitui a base económica de toda a gente.

Durante o tempo colonial, muito do peixe capturado não tinha venda porque os barcos portugueses compravam-no por preço mais baixo do valor que ele realmente tinha, tirando assim o maior lucro. Agora já existe uma estação de salmoura e seca que entrará em funcionamento em breve, e que dá aos pescadores a garantia de todo o peixe que eles apanharem e não conseguirem comercializar, ser comprado pelo Estado.

Conforme a pesca, assim ganham os pescadores, diz-nos Atanásio Semedo, responsável do Partido na zona.

Normalmente os pequenos botes, que se dedicam à pesca simples, de anzol e linha, levam três pessoas. Às vezes, fazem dois mil escudos então, dividem entre eles (entre o dono do barco e os marinheiros), cada um leva a sua parte para a família comer. Mas é conforme a sorte... muitas vezes, traz-se pouco peixe. O que abunda mais é o atum, mas há outros também. Na época do princípio do ano, a pesca é principalmente de garoupas, depois em Abril é de atum e lá para Outubro, o mar começa a ficar agitado. Mas os pescadores têm que ir na mesma, continua o camarada Atanásio, quando o mar está pior e há menos peixe, porque é disso que vivem.

Existiam 33 botes mas agora só estão 30 em funcionamento. No entanto, estão a ser construídos mais agora.

Os pescadores de Porto Mosquito desejavam já que a Cooperativa estivesse em funcionamento porque nesta ocasião já há muito peixe e levaria ao desenvolvimento da zona. Uma das coisas mais importantes, é que a Cooperativa estivesse em oportunidade de agir e participar colectivamente.

A maior aspiração dos trabalhadores do mar, seria realmente a realização de barcos grandes que iam solucionar muitos problemas e fazê-los tirar o maior lucro da sua faina.

António Moreira é pescador «desde o nascimento», como ele próprio diz.

António tem 4 filhos e mulher em casa e os seus filhos já saem com ele para o mar. Acha que há muitas dificuldades quando o tempo está agitado porque assim não pode sustentar a família.

Porto Mosquito.

O Mar a ir e a vir, a trazer e a levar, a invadir tudo e a vida de todos...

A maior parte dos portos em Cabo Verde, ficam situados longe dos centros urbanos distantes e isolados. Por isso, os pescadores têm problemas em adquirir material de pesca e em comercializar os produtos. Normalmente, ou deslocam o peixe a grandes distâncias, ou, o mais vulgar deslocam-se os rabidantes (intermediários) aos portos de desembarque para compra do peixe a um preço relativamente mais baixo do que o seu real valor, principalmente quando há grande quantidade deste.

Por enquanto, o problema é difícil de resolver, mas entretanto, a Direcção Nacional de Pescas traçou um programa de acção imediata que compreende dois pontos: a instalação de uma rede de estações de secagem e salmoura de peixe e cria-



Pescadores regressam da faina.

ção da SCAPA.

Relativamente ao primeiro ponto há estações em Porto Mosquito, Rincão, Tarrafal, Tarrafal de Monte Trigo (Santo Antão), e Funchal (Brava). Estão todos em construção, esperando-se que a de Porto Mosquito entre na próxima semana em funcionamento.

Estas Estações darão ao pescador a garantia de compra do excedente de peixe que capturarem e da sua preparação e conservação. Depois, esse peixe, que é comprado pela Estação aos pescadores a pronto pagamento, é vendido à SCAPA. A Estação fornece ainda aos trabalhadores do mar, todo o material para a faina, podendo eles pagar a prestações e mesmo com o próprio peixe.

A SCAPA, é uma sociedade em que todo o capital é subscrito pelo Estado e que tem como objectivos principais, apoiar os pescadores fornecendo equipamento e assegurando a comercialização dos produtos de pesca, tanto a nível das outras ilhas como para o exterior.

Em relação ao cooperativismo no domínio da pesca, a Direcção Nacional tem a sua posição bem definida.

«Está consciente de que o cooperativismo é um sistema eficaz a ajudar os pescadores a resolver os seus problemas económico-sociais e ainda não enveredámos por esse caminho, unicamente por estarmos conscientes quanto ao tipo de relacionamento que liga os pescadores entre eles, nomeadamente a sua atitude perante formas colectivas de produção. O pescador é naturalmente individualista e justamente por isso é que optamos por dar soluções de tipo colectivo aos principais problemas dos pescadores, comercialização e aprovisionamento de apetrechos de pesca e então o pescador se aperceberá a pouco e pouco de que a solução de muitos dos seus problemas poderá resultar de uma conjugação de esforços e vontades e a cooperativa nascerá naturalmente, como consequência lógica dessa tomada de consciência» — disse-nos o camarada Eísio da Direcção Na-

cional de Pescas com quem falámos e que nos deu algumas informações.

Torna-se importante a colocação de pessoas qualificadas para o bom funcionamento das Estações que em breve entrarão em funcionamento, mas o problema também não é fácil. Entretanto e nesse sentido, prepara-se um curso intensivo de formação de pessoal e que terá início provavelmente na segunda quinzena de Maio, em que são versadas matérias, tais como a preparação do pescado (salga e secagem), noções de higiene e de gestão e contabilidade.

Está também em vista um projecto-piloto de distribuição de peixe fresco na Praia e pensa-se numa comunidade piscatória na Salamansa (S. Vicente).

Que os trabalhos prossigam da melhor forma possível, tendo sempre em conta os interesses daqueles que vão para a aventura do mar, tantas vezes no meio de perigo — é o que contamos.